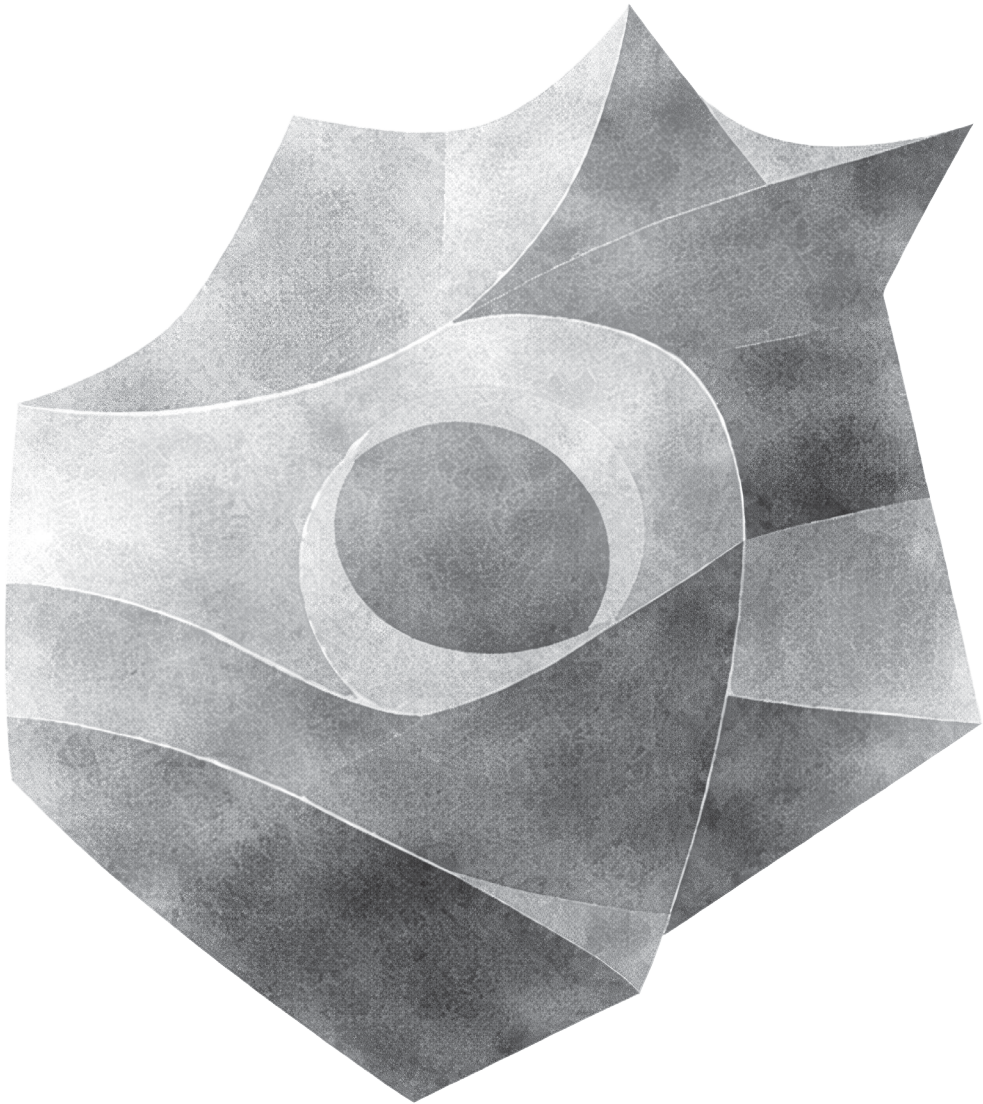




DONALD MELTZER E MARTHA HARRIS, FOTO DO
ARQUIVO PESSOAL DE MEG HARRIS WILLIAMS.



Adolescência

PALESTRAS E ARTIGOS POR

Donald Meltzer

e

Martha Harris

Editado por MEG HARRIS WILLIAMS

Organização da versão em português e revisão técnica

MARISA PELELLA MÉLEGA

TRADUÇÃO Aparecida M. Andriatte e Maria Cristina Possatto

COLABORAÇÃO Lecy Cabral e Valter Andriatte

ARTES & ECOS  Porto Alegre • Artes & Ecos, 2026

Copyright © 2026 Artes & Ecos

Esta tradução e edição foi autorizada por
THE HARRIS MELTZER TRUST e Meg Harris Williams.
TÍTULO ORIGINAL: *Adolescence: talks and papers*

EDITOR Lucas Krüger

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M58a

Meltzer, Donald

Adolescência: palestras e artigos / Donald Meltzer e Martha Harris;
editado por Meg Harris Williams; organização da versão em português e
revisão técnica Marisa Pelella Mélega. – Porto Alegre: Artes & Ecos, 2026.

320 p.; 15,5 X 22,5 cm

ISBN 978-65-87457-55-0

1. Psicanálise.

CDD 150.195

Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos — CRB-8/9166

ARTES & ECOS 

Artes & Ecos
contato@arteseecos.com.br
www.arteseecos.com.br

SUMÁRIO

Sobre os autores	7
Introdução	11
Introdução à edição brasileira	15
CAPÍTULO UM Sobre aprender a conhecer a si mesmo Martha Harris (1969)	17
CAPÍTULO DOIS Identificação e socialização na adolescência Donald Meltzer (1967)	27
CAPÍTULO TRÊS Teoria psicanalítica do adolescente Donald Meltzer (1973)	37
CAPÍTULO QUATRO Problemas emocionais na adolescência: uma adolescente Martha Harris (1973)	53
CAPÍTULO CINCO A psicopatologia da adolescência Donald Meltzer (1973)	77
CAPÍTULO SEIS Sexualidade adolescente Martha Harris (1969)	91
CAPÍTULO SETE Elementos infantis e esforços adultos na sexualidade adolescente Martha Harris (1976)	97
CAPÍTULO OITO As posições esquizoparanóide e depressiva Donald Meltzer (1974)	119
CAPÍTULO NOVE Depressão e a posição depressiva em um adolescente Martha Harris (1965; 1974)	133

CAPÍTULO DEZ Da puberdade à adolescência	
Donald Meltzer (1974)	147
CAPÍTULO ONZE Juan: uma decepção constante	
Jesús Sánchez de Vega e Donald Meltzer (1998)	159
CAPÍTULO DOZE Elsa: Medo da comunidade adolescente	
Nouhad Dow e Donald Meltzer (1998)	179
CAPÍTULO TREZE Mireia: A aristocracia da beleza	
Donald Meltzer (1998)	209
CAPÍTULO QUATORZE Ramón: Um refém no <i>claustrum</i>	
Donald Meltzer (1998)	227
CAPÍTULO QUINZE Um voyeur adolescente	
Donald Meltzer (1997)	249
CAPÍTULO DEZESSEIS O claustro e a adolescência	
Donald Meltzer (1992)	255
CAPÍTULO DEZESSETE Uma teoria da perversão sexual	
Donald Meltzer (1974)	261
CAPÍTULO DEZOITO Cisão e idealização no funcionamento mental	
Donald Meltzer (1974)	277
CAPÍTULO DEZENOVE Narcisismo e violência em adolescentes	
Donald Meltzer (1989)	295
CAPÍTULO VINTE Adolescência: depois do furacão – uma reportagem de jornal	
Donald Meltzer (2002)	299
CAPÍTULO VINTE E UM Entrevista com Donald Meltzer	
Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia (1998)	305
REFERÊNCIAS	317

SOBRE OS AUTORES

Martha Harris (1919-1987) nasceu na Escócia e estudou inglês na *University College London* e depois psicologia em Oxford. Ela trabalhou por alguns anos como professora e lecionou em uma Faculdade de Formação de Professores de Froebel. Ela se formou como psicóloga no Guy's Hospital, depois como psicanalista no Instituto Britânico de Psicanálise, onde foi analista didata; seus próprios supervisores foram Melanie Klein e Wilfred Bion, e seu analista pessoal Herbert Rosenfeld. Por muitos anos, ela foi responsável pelo ensino de Psicoterapia Infantil no Departamento de Crianças e Famílias da Clínica Tavistock. Aqui ela desenvolveu um curso iniciado por Esther Bick no qual a observação infantil desempenhou um papel importante, perseguindo as implicações do método de Klein de trabalhar com crianças. Esse treinamento (conhecido como “modelo Tavi”), que incluiu o estabelecimento de grupos de discussão de trabalho clínico, atraiu um grande número de candidatos internacionais.

Junto com seu marido, Roland Harris (professor), ela iniciou um serviço pioneiro de aconselhamento escolar com sede em Tavistock. Com Donald Meltzer, com quem se casou após a morte de Harris, ela ensinou amplamente em toda a Europa, e também na América do Norte e do Sul e Índia. Suas viagens e ensinamentos ajudaram a estabelecer o método observacional Klein-Bick de psicoterapia psicanalítica em todas as principais cidades italianas e depois em outros países (a própria Bick lecionou

na Itália, Argentina e Uruguai). Alguns de seus trabalhos de supervisão conjunta estão documentados em Romana Negri, *The Story of Infant Development* (Harris Meltzer Trust, 2007) e em *A Psychoanalytical Model of the Child-in-the-Family-in-the-Community*, escrito em 1976 para uso multidisciplinar em escolas e unidades terapêuticas e publicado pela primeira vez em *Sincerity: Collected Papers of Donald Meltzer*, editado por Alberto Hahn (Karnac, 1994).

Martha Harris escreveu artigos de jornal sobre o desenvolvimento infantil e a família, e organizou uma série de livros para os pais, escritos por terapeutas da Tavistock. Seu livro mais popular, *Thinking about infants and Young Children* (1975) foi publicado em vários idiomas (nova edição de 2011). Seus livros sobre crianças mais velhas incluem *Your Eleven Year Old*, *Your Twelve to Fourteen Year Old* e *Your Teenager*, que desde então foram reimpressos em um volume como *Your Teenager* (Harris Meltzer Trust, 2007). Ela escreveu muitos artigos sobre treinamento psicanalítico, trabalho clínico e desenvolvimento infantil, coletados pela primeira vez em *Collected Papers of Martha Harris and Esther Bick*, editado por Meg Harris Williams (Clunie Press, 1987); nova edição *The Tavistock Model* (Harris Meltzer Trust, 2011).

Donald Meltzer (1923-2004) nasceu em Nova York e estudou medicina em Yale. Depois de trabalhar como psiquiatra, mudou-se para a Inglaterra para fazer análise com Melanie Klein, e por muitos anos foi analista didata na Sociedade Britânica, embora mais tarde tenha deixado a Sociedade devido a divergências sobre métodos de ensino e seleção de candidatos. Ele trabalhou com adultos e crianças e foi inovador no tratamento de crianças autistas; seu trabalho anterior com crianças foi supervisionado por Esther Bick, com quem iniciou um grupo de estudo kleiniano após a morte de Klein. Meltzer ensinou psiquiatria infantil e história psicanalítica na Tavistock. Seus livros *The Kleinian Development* (1978) e *Studies in Extended Metapsychology* (1986) foram pioneiros na compreensão do contexto teórico e da relevância clínica do trabalho de Wilfred Bion. Estes e a maioria de seus outros livros foram publicados em muitas línguas e tornaram-se amplamente influentes no ensino da psicanálise. Outros são: *The Psychoanalytical Process* (Heinemann, 1967), *Sexual States of Mind* (1973), *Explorations in Autism* (1975), *Dream Life* (1983), *The*

Apprehension of Beauty (1988; com Meg Harris Williams) e *The Claustroom* (1992). A maioria de seus livros foi publicada pela primeira vez pelo The Roland Harris Educational Trust (Clunie Press), precursor do The Harris Meltzer Trust, que desde então reimprimiu todos eles. Além de *Adolescentes* (editado por Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia, Spatia, 1998), membros do Grupo Psicanalítico de Barcelona registraram alguns dos trabalhos de supervisão posteriores de Meltzer em *Psychoanalytic Work with Children and Adults: Meltzer in Barcelona* (Karnac, 2002) e *Supervisions with Donald Meltzer*, com Rosa Castellà, Carlos Tabbia e Lluís Farré (Karnac, 2003). Uma seleção introdutória de seus escritos pode ser encontrada em *A Meltzer Reader* (Harris Meltzer Trust, 2010).

INTRODUÇÃO¹

Irei me referir neste livro à história de minhas ideias sobre a adolescência, e ao seu enquadre no desenvolvimento geral do modelo de mente que fui formulando, a partir de Bion e sobre a base de Melanie Klein e Freud.

Os trabalhos aqui apresentados datam da época das viagens à Itália com Martha Harris, primeiro e continuadas depois com Catherine Mac Smith à Espanha: ou seja, o livro começa, portanto, ao redor de 1970 e traça uma evolução de uns vinte cinco anos.

O impulso principal deste desenvolvimento – ilustrado na cronologia destes trabalhos segue uma linha de uma maior apreciação do papel das confusões e especialmente, do papel da identificação projetiva na criação destas confusões.

O segundo impulso surge do estabelecimento do papel que desempenham as relações de objeto parcial na sexualidade e nas relações de objeto dos adolescentes, homens e mulheres, mostrando algo do interjogo da homossexualidade e heterossexualidade vinculado às relações íntimas e às grupais. As relações grupais são certamente e em diversos sentidos, óbvias e centrais na vida dos adolescentes e só muito gradualmente ao adentrar-se aos vinte anos que as rela-

1 Prólogo escrito para o livro *Adolescentes: Donald Metzer e Martha Harris*, editado por Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia (Buenos Aires: Spatia, 1998).

ções íntimas individuais começam a enraizar-se e requerer interesse e desempenhar um papel na vida onírica e na fantasia.

O trabalho com o grupo em Barcelona², realizado sistematicamente três vezes por ano durante cinco anos, parece ser a melhor documentação destas ideias sobre a adolescência, já que inclui não apenas pontos de vista teóricos, mas também ideias técnicas sobre o manejo da situação analítica com pacientes adolescentes.

Os aspectos teóricos são tratados *en passant*, pois o foco se dirige para o manejo técnico e prático da transferência e contratransferência com tais pacientes.

A contratransferência com pacientes adolescentes tem uma força especial, provavelmente em razão de sua beleza ou de sua falta de beleza, e pelo papel que este desempenha em seus sentimentos acerca de si mesmos. Os adolescentes levam o analista a uma forte identificação com eles, baseado tanto em sua beleza como na falta desta, que com frequência gira entorno de defeitos ou enfermidades físicas, ou de imperfeições como a acne, e nos do sexo masculino entorno de forte ansiedade ante a perda de cabelo ou coisas parecidas. Nas mulheres a questão da beleza é tão central em sua vaidade e em seus sentimentos de impotência, como é central o poder que emerge da beleza. O manejo técnico destes problemas de contratransferência resulta muito interessante. Afortunadamente, contamos aqui com contribuições tanto de homens como de mulheres analistas, o qual ilustra os problemas da contratransferência para ambos os sexos e permite diferenciá-las.

Os cinco anos de encontros sistemáticos por contrato, não resultaram no término do grupo, já que depois se fixaram visitas anuais a Oxford e se produziu também uma espécie de diáspora por meio de grupos menores, com frequentes visitas a Oxford, o que unido às visitas que continuei em Barcelona, uma vez por ano, dão um total de dez anos de trabalho em conjunto. Deste modo o historial contido neste livro não é somente de meus primeiros trabalhos sobre adolescência, expostos a grupos estrangeiros, especialmente na Itália, mas

2 O grupo psicanalítico de Barcelona está integrado por: Aurora Angulo Carrasco, Claudio Bermann, Miriam Botbol Acreche, Rosa Castellà e Berini, Dolors Cid Guimerà, Nouhad Dow Mawad, Perla Ducach-Moneta, Lluís Farré e Grau, Lucy Jachevasky, Carmen Largo Adell, Yolanda La Torre Guevara, Montserrat Martínez Pozo, Jesús Sánchez de Vega e Carlos Tabbia.

é também o historial destes últimos dez anos que foram frutíferos em muitos sentidos e que acompanharam as publicações de livros como *A Apreensão da Beleza e Clastrum* e talvez os melhores resumos dos desenvolvimentos de minhas ideias teóricas até o momento presente.

Diria que este grupo passou de tratar-me como um guru a aceitar, finalmente, meu trabalho como inspiração para o desenvolvimento de suas individualidades e creio que isto fica ilustrado em algumas das últimas contribuições.

A boa documentação dos casos e a habilidade com que está resumido o trabalho oferecem uma vívida impressão do que é a psicanálise na Espanha que logicamente, tem sua própria qualidade derivada do ritmo e cor da cultura espanhola: esta é uma dimensão europeia e mediterrânea que interessa enormemente a pessoas de outros países onde os ritmos, as cores, são, por assim dizer mais nórdicos!

DONALD MELTZER
Oxford, 1998.

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O livro *Adolescence* (2011), publicado pelo Harris Meltzer Trust, chegou-nos às mãos por intermédio de Meg Harris Williams, após termos concluído a tradução do livro *Adolescentes*, editado na Argentina pela Spatia Editora. Constatamos então um conflito de direitos autorais, o que nos obrigou a suspender a publicação do livro já traduzido e a assumir a tradução do original inglês, que contém, entre outros, vários capítulos de Martha Harris não contemplados na versão espanhola.

A edição original *Adolescence* (2011) reúne uma rica coleção de palestras e artigos de Martha Harris e Donald Meltzer proferidos em Novara, Itália, entre 1973 e 1975. A imagem do trabalho conjunto do casal é seguida pela comoção da morte prematura de Martha Harris. Foram também incluídos dois seminários clínicos proferidos por Meltzer na Espanha.

Neste livro, Martha oferece preciosas indicações, em seus capítulos, sobre a origem, na infância, dos distúrbios adolescentes. A contribuição de Meltzer, ao mostrar as mudanças evolutivas desde o início da formação da personalidade, esclarece sobremaneira a clínica do adolescente.

Para esta edição brasileira, foram incluídos mais dois seminários, também oriundos do Grupo de Barcelona, além do capítulo sobre

Cisão e Idealização e a interessante entrevista com Meltzer, publicados na versão espanhola *Adolescentes* (1988).

Os casos clínicos de Juan, Elsa, Mireia e Ramon, levados à supervisão na Espanha, testemunham a excelência do escrutínio clínico de Meltzer, que podemos acompanhar no relato minucioso destes quatro atendimentos.

Enfim, a riqueza clínica e teórica destes dois gigantes, Martha Harris e Donald Meltzer, pode ser constatada na leitura deste livro, indispensável para quem trabalha com adolescentes.

MARISA MÉLEGA
São Paulo, fevereiro 2026

CAPÍTULO UM

SOBRE APRENDER A CONHECER A SI MESMO¹

(1969)

Martha Harris

Toda luta para encontrar uma identidade é a tarefa central da adolescência. É um processo longo e lento durante o qual são lançadas as bases finais para a personalidade do futuro adulto. Esses fundamentos, é claro, foram iniciados há muito tempo no relacionamento entre o bebê e sua mãe e depois do bebê com ambos os pais. Estes fundamentos foram desenvolvidos por interações posteriores ao longo da infância com pais, irmãos e irmãs, amigos, professores e outros adultos importantes. Eles são afetados em todas as etapas não apenas pela natureza dos novos conhecidos, mas também pela abordagem da criança a eles e pelas expectativas decorrentes dos resultados de seus primeiros encontros com o mundo. Estes são então transferidos para relacionamentos subsequentes.

1 Extratos de Martha Harris, *Your Teenager*, nova edição Londres: Harris Meltzer Trust, 2007 (publicado pela primeira vez em 1969).

CAPÍTULO DOIS

IDENTIFICAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA¹

(1967)

Donald Meltzer

Certamente, dir-se-á - e com razão - que o consultório analítico, em seu calor de intimidade infantil, não é o lugar para estudar o comportamento social dos adolescentes. Mas pode, por meio do esclarecimento dos processos internos - de motivação e expectativa, identificação e alienação - lançar uma luz especial e sem paralelo sobre os processos sociais para ajudar o sociólogo, educador, psiquiatra e todas as pessoas da comunidade adulta cuja tarefa é preservar os limites do mundo adolescente e promover o crescimento e desenvolvimento daqueles que ainda estão presos em seu vórtice.

Nossos tempos revelam mais claramente do que outros períodos

¹ Publicado pela primeira vez em *Contemporary Psychoanalysis* (1967), vol. 3, pp. 96-103; reimpresso em Meltzer, *Sexual States of Mind* (1973).

CAPÍTULO TRÊS

TEORIA PSICANALÍTICA DO ADOLESCENTE¹

(1973)

Donald Meltzer

Hoje falarei sobre o conceito de adolescência de uma forma quase “ideal”, como se fosse algo que sempre evoluísse de forma calma e natural, em direção à vida adulta, saúde mental, felicidade e assim por diante — tentando entender como isso pode ser possível e se alguma vez isso acontece. Amanhã [*Capítulo 4*] a Sra. Harris apresentará o caso de uma menina em análise para destacar as dificuldades da psicopatologia adolescente. Depois de amanhã [*Capítulo 5*] falarei sobre o vasto campo da psicopatologia do adolescente e os problemas técnicos relacionados ao tratamento de adolescentes de acordo com o método psicanalítico.

Em primeiro lugar, creio que é importante assinalar que o método psicanalítico não é particularmente eficiente para a investigação da

¹ Seminário realizado em Novara, 1973, publicado em *Quaderni di Psicoterapia Infantile* no. 1 (1975), ed. C. Brutti e F. Scotti, pp. 15-32.

CAPÍTULO QUATRO

PROBLEMAS EMOCIONAIS NA ADOLESCÊNCIA: UMA ADOLESCENTE¹

(1973)

Martha Harris

Eu gostaria de expandir mais alguns aspectos, usando material de uma adolescente em particular, alguns dos problemas dos adolescentes em geral, conforme apresentado pelo meu marido ontem. Pode valer a pena, antes de tudo, rever brevemente alguns pontos que ele apresentou e que este caso parece ilustrar.

1 Este artigo, apresentado em um seminário em Novara em 1973, foi publicado como “Discussão de uma adolescente” em Harris’ *Collected Papers* (1987), pp. 201-16. Partes adicionais da discussão estão incluídas aqui, que constam no *Quaderni di Psicoterapia Infantile* no. 1 (1975), pp. 33-61. O caso de Rosamund também aparece no Capítulo 7 deste volume.

CAPÍTULO CINCO

A PSICOPATOLOGIA DA ADOLESCÊNCIA¹

(1973)

Donald Meltzer

A adolescência pode ser vista de uma certa perspectiva como um lugar onde estivemos e pelo qual passamos durante uma fase de nossas vidas e ainda estamos tentando entender o que aconteceu nesta época. Vimos as quatro “comunidades” dentro das quais o adolescente se move: a comunidade adolescente, a família, os pais e o adolescente isolado; como o adolescente se sente em relação ao mundo adulto no qual deseja entrar, e o movimento contínuo entre essas comunidades. Como eu disse, o indivíduo geralmente se move entre essas quatro comunidades e, eventualmente, encontra o caminho que prova ser a saída. Tentarei agora descrever as características psicopatológicas de um adolescente representante de cada uma dessas quatro comunidades, tendo em mente o risco que ele corre de permanecer em uma posição fixa e não ser capaz de emergir dela.

¹ Seminário ministrado em Novara em 1973, publicado em *Quaderni di Psicoterapia Infantile* no. 1 (1975), editado por C. Brutti e F. Scotti, pp. 62-78.

CAPÍTULO SEIS

SEXUALIDADE ADOLESCENTE¹

(1969)

Martha Harris

Nós argumentamos que os relacionamentos em geral de uma criança, e seu crescimento físico e emocional, continuam a ser afetados, ou até determinados, pelas suas experiências anteriores. Isso é especialmente verdadeiro para o desenvolvimento sexual do adolescente, os seus sentimentos sobre si mesmo e seu corpo, a sua capacidade de antecipar e finalmente desfrutar reciprocamente da experiência sexual com o parceiro de sua escolha.

Sua capacidade de desfrutar de seu corpo, e de finalmente integrar sentimentos sexuais com ternura, está enraizada no relacionamento físico e emocional inicial que ele teve quando bebê com sua mãe. Isso vale para a menina, é claro, assim como para o menino. Sua primeira proximidade física também é com a mãe, em cujos braços ela,

1 Extratos de *Your Teenager* (1969); nova edição Harris Meltzer Trust, 2007.

CAPÍTULO SETE

ELEMENTOS INFANTIS E ESFORÇOS ADULTOS NA SEXUALIDADE ADOLESCENTE¹

(1976)

Martha Harris

Quando escrevi este artigo, logo percebi que seu foco teria que ser muito mais restrito do que o título permite. Também descobri que estava voltando repetidamente ao material analítico de uma gama bastante ampla de adolescentes superdotados que, como o mundo diz, foram mais afortunados do que o normal em suas circunstâncias externas: jovens que, do ponto de vista externo, podem parecer ter tudo a seu favor, mas que, no entanto, pareciam incapazes de desfrutar de sua boa sorte.

Em todos eles, existia um profundo sentimento de indignidade,

¹ Publicado pela primeira vez no *Journal of Child Psychotherapy* (1976), vol. 4 (2), pp. 29-44.

CAPÍTULO OITO

AS POSIÇÕES ESQUIZOPARANÓIDE E DEPRESSIVA¹

(1974)

Donald Meltzer

O assunto sobre o qual me pediram para falar hoje é, para muitos, o mais central dos desenvolvimentos psicanalíticos ligados ao nome de Melanie Klein. Tal como acontece com todos os conceitos psicanalíticos, parece-me que para entender seu significado temos que colocá-los no contexto de sua história. E estudar a história das ideias da Sra. Klein é diferente de estudar a de Freud, devido ao fato de que Freud é tanto um clínico quanto um teórico, enquanto a Sra. Klein é quase exclusivamente uma clínica que descreve muito mais do que teoriza.

A evolução do pensamento de Freud é como o de um país que passou por duas revoluções: a primeira foi a queda da teoria da histeria,

¹ Uma palestra proferida em Novara em 1974, publicada em *Quaderni di Psicoterapia Infantile* (1975), editada por C. Brutti e F. Scotti, pp. 125-41.

CAPÍTULO NOVE

DEPRESSÃO E A POSIÇÃO DEPRESSIVA EM UM ADOLESCENTE¹

(1965; 1974)

Martha Harris

O material clínico deste artigo será centrado em torno de um sonho, relatado por um menino de quinze anos e meio após cerca de três anos e meio de análise. Em seu contexto,

o sonho que foi uma experiência importante e vívida para ele, normalmente transmite, penso eu, a imagem de um paciente lutando contra aqueles aspectos de si mesmo que perpetuam a depressão e a inanição. Ele luta para ser capaz de enfrentar o conflito da ambivalência e a culpa que isso acarreta, e para manter a posição depressiva — ou seja, um estado de integração, de responsabilidade pelas emoções

¹ Publicado pela primeira vez no *Journal of Child Psychotherapy* (1965), vol. 1(3), pp. 33-40; parte de um artigo escrito em conjunto com Dora Lush. A segunda parte deste capítulo é uma discussão do mesmo caso que foi apresentado em um seminário em Novara em 1974. O paciente (Malcolm) é o mesmo que Gerald no Capítulo 7.

CAPÍTULO DEZ

DA PUBERDADE À ADOLESCÊNCIA¹

(1974)

Donald Meltzer

Esta tarde gostaria de passar para a segunda fase: a transição da puberdade para a adolescência, que geralmente se caracteriza pelo início das relações sexuais. A manifestação externa da passagem para a puberdade é social; é acompanhado por uma separação emocional da família. Não se é mais uma criança que vive na família, mas um membro do grupo puberal. Voltando à perda de distinção entre o bem e o mal, descrita no material da Sra. Harris, podemos dizer que o grupo puberal é realmente de tipo tribal. As duas tribos são principalmente a tribo dos meninos e a tribo das meninas, engajadas em uma batalha dos sexos, fazendo incursões de natureza tribal umas contra as outras e retornando com troféus que são o orgulho da tribo. O sonho apresentado pela Sra. Harris em que Malcolm se viu nas

¹ Apresentado em um seminário em Novara (seguindo o material do capítulo 9). Publicado em *Quaderni di Psicoterapia Infantile* (1975) nº 1, editado por C. Brutti e F. Scotti, pp. 152-65.

CAPÍTULO ONZE

JUAN: UMA DECEPÇÃO CONSTANTE¹

(1998)

Jesús Sánchez de Vega e Donald Meltzer

Terapeuta: Juan é um menino de quinze anos, forte e bem desenvolvido para sua idade, mas seu rosto tem um ar infantil e suas roupas e sua aparência são bastante desleixadas.

No último ano letivo, ele estava fazendo estudos agrícolas, nos quais foi reprovado; este ano, ele quer fazer mecânica em um centro de treinamento profissional diferente. Eu o tenho visto nos últimos dez meses às terças e quintas-feiras, frente a frente. Ele se recusou a usar o sofá no início, dizendo que o lembrava de imperadores romanos assassinados. Ele gosta muito de desenhar, então me perguntou na primeira sessão se ele poderia fazer isso. Temos caneta e papel disponíveis, mas ele quase não os usa agora.

1 Um seminário de supervisão com Donald Meltzer, Jesús Sánchez de Vega (terapeuta) e o Grupo Psicanalítico de Barcelona, publicado pela primeira vez em Donald Meltzer e Martha Harris, *Adolescentes*, editado por Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia (Buenos Aires: Spatia, 1998), pp. 247-67.

CAPÍTULO DOZE

ELSA: MEDO DA COMUNIDADE ADOLESCENTE¹

(1998)

Nouhad Dow e Donald Meltzer

Terapeuta: Elsa, de dezessete anos, chegou encaminhada pelo médico que a trata por problemas de emagrecimento, há cinco meses. Ela também havia solicitado uma cirurgia estética para reduzir o volume de seus seios. O médico a descreveu como uma paciente que alterna entre períodos de boa resposta ao tratamento e outros quando, por voracidade incontrolável, ela pode engordar cinco quilos em pouco tempo, por exemplo, em um fim de semana. O que mais o preocupava na paciente era seu estado de espírito, após esses episódios, em que ela expressou falta de vontade de viver, isolou-se e tomou

1 Um seminário de supervisão com Donald Meltzer, Nouhad Dow (terapeuta) e o Grupo Psicanalítico de Barcelona, publicado pela primeira vez em Donald Meltzer e Martha Harris, *Adolescentes*, editado por Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia (Buenos Aires: Spatia, 1998), pp. 215-46.

CAPÍTULO TREZE

MIREIA: A ARISTOCRACIA DA BELEZA¹

(1998)

Donald Meltzer

T.: Mireia é uma garota de 17 anos, magra, esbelta, muito jovem. Ela foi à consulta porque se sentia muito mal e angustiada. Ela mudou de país várias vezes, e as mudanças de escola têm sido frequentes, seu pai está afastado do trabalho há anos em virtude de um acidente, embora não fique muito claro que as sequelas do mesmo o desabilitam para a tarefa. A mãe trabalha. A paciente considera o pai como uma criança invejosa e a mãe como uma pessoa que não sabe dizer “não”, como alguém que, embora odeie o pai, não sabe como colocar limites. Mireia tem um irmão 5 anos mais novo.

Há algum tempo, está amenorreica; deixou de menstruar após a morte de um gato que foi sacrificado porque sangrava. Sofreu muito

1 Um seminário de supervisão com Donald Meltzer e o Grupo Psicanalítico de Barcelona, publicado pela primeira vez em Donald Meltzer e Martha Harris, *Adolescentes*, editado por Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia (Buenos Aires: Spatia, 1998), pp.295-316.

CAPÍTULO QUATORZE

RAMÓN: UM REFÉM NO *CLAUSTRUM*¹

(1998)

Donald Meltzer

T.: Os pais de Ramón, um menino de onze anos, me consultaram em outubro de 1991. Estavam desesperados, não sabiam o que fazer com ele. Haviam sido chamados pelo colégio que lhes deram um ultimato: se não fizessem algo seriam obrigados a expulsá-lo. A orientadora do colégio também entrou em contato comigo, dizendo-me que haviam chegado ao limite; queixava-se de que Ramón tinha atemorizado os outros meninos, não aguentava nem dez minutos na classe, gritava e insultava aos professores, mostrava os genitais, quebrava vidraças, inundava os banheiros, etc.

Além da problemática escolar, os pais temiam que seguisse os passos do irmão. Contaram-me o quanto padeciam com o filho maior, a quem expulsaram do colégio com a idade de quatorze anos, e que

1 Um seminário de supervisão com Donald Meltzer e o Grupo Psicanalítico de Barcelona, publicado pela primeira vez em Donald Meltzer e Martha Harris, *Adolescentes*, editado por Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia (Buenos Aires: Spatia, 1998), pp. 269-294.

CAPÍTULO QUINZE

UM VOYEUR ADOLESCENTE¹

(1997)

Donald Meltzer

Um jovem veio para Oxford há seis anos, enviado para análise por sua mãe, que tinha a profissão de conselheira, dizendo que não pretendia ficar muito tempo, tinha vindo apenas para ver como era o lugar, convencido de que estava cheio de esnobes. Ele era um sujeito bem constituído, mas de aparência bastante grosseira, falando de uma maneira bastante rude, com um forte sotaque de classe trabalhadora: não de acordo, ele admitiu, com a cultura de sua família. Ele havia conseguido uma vaga em Ciências Humanas, para espanto de todos, pois nunca havia se dedicado na escola. Ele usava um piercing no nariz e parecia de modo geral rude.

No entanto, ele ficou, obteve honras de primeira classe e melhorou na aparência nos seis anos seguintes, transformando-se após uma tentativa abortada de doutorado, em um estudante de medicina. O

¹ Escrito para o Grupo Psicanalítico de Barcelona, janeiro de 1997; publicado em *Adolescentes*, editado por Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia (Buenos Aires: Spatia, 1998), pp. 207-212.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O CLAUSTRO E A ADOLESCÊNCIA¹

(1992)

Donald Meltzer

Sem dúvida, as tendências, para entrar em identificação intrusiva com objetos internos, através de processos masturbatórios, têm sua origem nas primeiras semanas e meses de vida pós-natal. Elas têm uma conexão, uma referência a memórias da vida no útero, mas a principal diferença foi traçada. Também foi sugerido que os estados mentais influenciados pela identificação intrusiva podem ser muito diferentes daqueles que são relacionados a uma parte clivada do *self* que não nasceu, deixada para trás, vítima de processos prematuros de cisão, como o garotinho aleijado que foi deixado para trás quando o Flautista levou todas as crianças para a montanha:

1 Publicado em Donald Meltzer, *The Clastrum* (1992), pp. 143-48.

CAPÍTULO DEZESSETE

UMA TEORIA DA PERVERSÃO SEXUAL¹

(1974)

Donald Meltzer

Em agosto, quando eu estava discutindo os estados mentais da adolescência e a ligação com a cesura emocional anterior da entrada da criança no mundo, tentei transmitir como a relação da criança com seus objetos internos a prepara para abordar o mundo externo e suas relações dentro dele.

Agora, voltando-nos mais particularmente para as perversões, precisamos examinar mais de perto as qualidades e os detalhes intrincados dessas relações objetais internas, e a maneira narcísica pela qual um jovem pode tentar contornar as dores da diferença sexual e dos relacionamentos íntimos. Enquanto os adolescentes têm que lidar com todo o espectro de confusão, quando falamos de perversões precisamos nos concentrar em um tipo particular de confusão:

¹ Uma palestra proferida em um seminário em Novara em 1974 e publicada em *Quaderni di Psicoterapia Infantile* no. 1, editado por C. Brutti e F. Scotti, pp. 79-100.

CAPÍTULO DEZOITO

CISÃO E IDEALIZAÇÃO NO FUNCIONAMENTO MENTAL¹

(1974)

Donald Meltzer

No seminário anterior descrevi a história do conceito de perversão sexual e tentei traçar um quadro das perversões como uma forma muito seria e grave de doença mental. Procurei mostrar como estas perversões se baseiam no princípio do negativismo, como negativo da relação sexual dos pais internos na sua função de gerar e criar os filhos, pessoas naturalmente criminosas no seu envolvimento social, fascistas no seu envolvimento político e satânicas em seu envolvimento teológico.

Lembrei-me também que muito raramente as pessoas com uma perversão organizada vêm à análise para se curarem dela, mas sim

1 Uma palestra proferida em um seminário em Novara e publicada em *Quaderni di Psicoterapia Infantile* editado por C. Brutti e F. Scotti. Publicado em Donald Meltzer e Martha Harris, *Adolescentes*, editado por Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia (Buenos Aires: Spatia, 1998), pp.59-79.

CAPÍTULO DEZENOVE

NARCISISMO E VIOLÊNCIA EM ADOLESCENTES¹

(1989)

Donald Meltzer

A segunda geração do pós-guerra já atingiu a adolescência, e a atual comunidade adolescente é a primeira a ter sido criada na atmosfera da revolução, após a turbulência de 1968. As mudanças de valores e comportamentos nos ajudam a separar os fatores culturais dos intrínsecos, no estado de mente do adolescente. Foi-se a Agonia Romântica do século XIX, mas também se foi a tendência a apaixonar-se. Em vez da expectativa de que o amor leve à intimidade sexual, os jovens de hoje esperam que a atividade sexual amadureça em amor. O comportamento sexual predatório anterior de gangues púberes, no qual os meninos se gabavam para os seus companheiros

¹ Publicado em *Sinceridade: Collected Papers of Donald Meltzer*, editado por A. Hahn (1994), pp. 564-566.

CAPÍTULO VINTE

ADOLESCÊNCIA: DEPOIS DO FURACÃO – UMA REPORTAGEM DE JORNAL¹

(2002)

Donald Meltzer

Quando a população atordoada da aldeia da Puberdade emerge das cavernas e dos refúgios contra as tempestades, esfregando incrédulos os olhos insones e, eles se veem olhando uns para os outros como estranhos, possivelmente como inimigos, em um mundo dilacerado, como flores ao vento convidando ao saque. Quem pode resistir quando “todos” estão fazendo isso. Um tipo frenético de excitação substitui a exaustão de se abrigar no escuro, ouvindo a enxurrada acima.

A excitação frenética simula a sexualidade; precisando apenas dos tambores, na noite do telégrafo da floresta para se espalhar, à medida que o reforço de um elemento por outro, vento por onda, açoitam a

¹ Artigo inacabado, inédito.

CAPÍTULO VINTE E UM

ENTREVISTA COM DONALD MELTZER¹

(1998)

Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia

E.²: Da leitura dos diferentes trabalhos seus, agrupados neste livro, surgiram algumas dúvidas, talvez sejam muitas para um encontro, então escolhemos algumas... Como introdução, gostaríamos de perguntar se você continuaria atualmente agrupando os adolescentes em diferentes comunidades...

D.M.: A quais comunidades vocês estão se referindo?

E.: A dos adolescentes que passam pela adolescência como por um túnel evitando vivê-lo, aqueles que permanecem ligados à família, os adolescentes que permanecem isolados e não fazem parte da

1 Entrevista realizada em Oxford e publicada no livro *Adolescentes*, de Donald Meltzer e Martha Harris, editado por Lucy Jachevasky e Carlos Tabbia. (Buenos Aires: Spatia, 1998), pp.319-331.

2 O uso da letra "E" diz respeito aos dois entrevistadores.



www.arteseecos.com.br

Este livro foi composto em ARNHEM em JUNHO de 2026.